



## Padre Luciano Duarte: Olhares de um Peregrino entre dois Mundos<sup>1</sup>

*Magno Francisco de Jesus Santos<sup>2</sup>*

## Father Luciano Duarte: Looks of a Pilgrim between two Worlds

### *Resumo:*

Esse artigo analisa as experiências históricas de Luciano Duarte como peregrino no Velho Mundo e a invenção da Peregrinação da Juventude Universitária Católica ao Santuário de Nossa Senhora Divina Pastora. A partir das memórias produzidas pelo padre Luciano e pelos membros da JUC, tornou-se possível lastrear os caminhos trilhados na composição de um novo espaço devocional no cenário católico sergipano.

Palavras-chave: Luciano Duarte, peregrinação, Divina Pastora, Sergipe.

### *Abstract:*

This article analyzes the historical experiences of Luciano Duarte as a pilgrim in the Old World and the invention of the Catholic University Youth Pilgrimage to the Shrine of Our Lady Divina Pastora. From the memories produced by Luciano priest and members of the JUC, it became possible to ballast the paths in the composition of a new devotional space in Sergipe Catholic setting.

Keywords: Luciano Duarte, pilgrimage, Divina Pastora, Sergipe.

89



1 Artigo apresentado na mesa-redonda “História da Igreja”, no Seminário Dom Luciano Duarte: Perfis.

2 Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor da Faculdade Pio Décimo. E-mail: magnohistoria@gmail.com



A vista é, de todos os sentidos, o que nos faz adquirir mais conhecimentos e que nos relava mais diferenças.<sup>3</sup>

François Hartog, ao analisar a condição de homem-memória a partir da figura mítico-literária de Ulisses, ressalta o papel do olhar e do ver. O olho torna-se um instrumento de construção do conhecimento, por meio da interlocução entre o ver e o saber. Na saga do homem-memória, o olhar torna-se o ponto de confluência entre os diferentes mundos, entre as experiências passadas e o encontro de novas realidades. Ao se deparar com o novo, o homem-memória remete-se ao seu mundo, ao seu passado, ao seu torrão natal.

Essa referência a Ulisses visto e interpretado por Hartog torna-se pertinente para a tentativa de compreensão de um dos atores sociais mais complexos e paradigmáticos do campo intelectual sergipano da segunda metade do século XX. Refiro-me ao padre Luciano José Cabral Duarte, personagem que marcou a sociedade sergipana da segunda metade do século XX por meio de suas ações no campo educacional, religioso, social, cultural, filosófico e político. Torna-se praticamente impossível, ou até mesmo imprudente, discutir a história cultural de Sergipe da segunda metade do século XX sem problematizar a figura marcante do padre Luciano Duarte. Sua presença no campo cultural sergipano foi algo próximo de uma onipresença. Isso torna-se plausível ao remetermos para as famosas homilias na capela São Salvador, as explicações lúcidas e paradoxalmente complexas na Hora Católica da Rádio Cultura, o Sermão das Sete Palavras no Batistão; para a atuação frente ao ensino superior, no campo administrativo, na criação do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão e, principalmente, na defesa de suas convicções.

Além disso, destacam-se os seus textos sobre as viagens, reunidos no livro com um título que anuncia a sua sagacidade de homem-memória: *Europa: ver e olhar*. Como tão bem elucidou Ana Medina, a prefaciadora da obra, “ver é a mística do ato de apreciar, olhar é o processo”.<sup>4</sup>

Como estudioso das grandes manifestações de fé do povo sergipano, tentarei fazer o exercício de compreender esse ator histórico por meio de uma de suas principais criações: a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora, recentemente registrada como “Patrimônio de Natureza Imaterial do Estado de Sergipe”.<sup>5</sup> Esse patrimônio imaterial do povo sergipano, capaz de reunir anualmente mais de cem mil peregrinos, surgiu a partir

3 HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 14.

4 MEDINA, Ana Maria Fonseca. Prefácio. In: DUARTE, Luciano. *Europa: ver e olhar*. 3ª ed. Aracaju: IDLD, 2010, p. 8.

5 ESTADO DE SERGIPE. Decreto 29.884 do dia 09 de setembro de 2014. *Diário Oficial do Estado de Sergipe*. nº 27.051. Aracaju, 11.09. 2014, p. 1.

do intento do padre Luciano Duarte nos idos da década de 50 do século XX. Com isso, apresentarei Luciano Duarte desse período como um peregrino, um homem religioso dividido entre as experiências históricas construídas nas duas margens do Atlântico. Essa faceta de viajante do padre Luciano Duarte foi anunciada por Manoel Cabral Machado:

O viajero, o homo viajor, rasga a casca provinciana, na primeira oportunidade, oferecida ou cavada. Assim, o estudante em férias na Sorbonne palmilha os caminhos da Europa, ora escondendo a roupeta de clérigo quando penetra a cortina de ferro, ora envergando-a de peregrino em terras livres, chegando até o Santo Sepulcro, em viagem pelo Oriente. De outra feita, a pretexto de estudos, percorre a América e, por três anos, como repórter, acompanha o concílio e o próprio Papa em peregrinação na Ásia.<sup>6</sup>

Antes mesmo das longas viagens pelo além-mar, da visitação aos principais santuários do mundo católico na Europa e no Oriente, a família de Luciano Duarte era marcada pela experiência das romarias, das viagens com preocupações religiosas. Um exemplo disso é a poesia escrita pelo patriarca da família, José Góes Duarte, sobre a romaria do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, terra natal dos avós paternos do padre Luciano.<sup>7</sup>

Passos, em São Cristóvão

É dia de PASSOS. A cidade  
Velhinha, mas de porte sobranceiro,  
Trajando o seu vestido domingueiro,  
Comunga da ambiente alacridade...

Bem que já teve as glórias de beldade,  
Num remoto passado, alvissareiro...  
Que lembranças lhe traz cada romeiro,  
Daquele tempo de felicidade!...

Mas... Procura conter-se, neste dia.  
É bem que finja arroubos de alegria,  
Por protocolo... E hospitalidade...

6 MACHADO, Manoel Cabral. Dom Luciano. In: *25 anos de Sacerdócio*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1973.

7 Segundo José Góes Duarte, a primeira capital de Sergipe era uma ermida do passado, a urbis dos sinos e das lembranças: São Cristóvão! Ermida sacrossanta/ Dos sonhos que sonhei, na mocidade.../ Ao te rever, minh'alma se quebranta/ E reza o credo-santo da Saudade./ Quanta recordação me avivas; quanta/ Lembrança, enternecida, de outra idade!/ Meu coração de nômade se encanta/ Ao prestígio de tua soledade.../ Terra de meus avós e de meus pais:/ Ao planger dos teus sinos vesperais,/ Creio ouvir, melancólico e divino,/ O mesmo canto que me embalava,/ Ao me fazer dormir, quando menino. Cf. DUARTE, José de Góes. *Alma em Êxtase*. In: *Obra Poética*. Aracaju, 1995, p. 240.

Passada a festa, ei-la que volta, entanto,  
 Ao seu cismar perene, ao desencanto:  
 Volta a viver... morrendo de saudade!<sup>8</sup>

Essas lembranças acerca das expressões de religiosidade das romarias sergipanas foram reavaliadas a partir das experiências sociais vivenciadas na Europa. A visitação aos grandes santuários, como Fátima, Lourdes, Jerusalém, Roma e, particularmente, Chartres, impulsionaram o padre Luciano Duarte a repensar as celebrações de sua terra natal, especialmente em relação às atividades desenvolvidas em Aracaju com a Juventude Universitária Católica, JUC, da qual desempenhava o papel de diretor espiritual. O doutorado na Sorbonne propiciou ao padre não somente o aprimoramento intelectual e também a renovação de suas convicções espirituais, por meio dos templos visitados. O jovem estudante, nos períodos de férias, transformava-se em peregrino, vestido em sua batina e com mochilas nas costas, a desbravar os caminhos devocionais da Europa. Observe a Figura 1:<sup>9</sup>

92



- 8 Essa poesia de José Góis Duarte, o Zeca, foi publicada originalmente no jornal católico “A Cruzada”, em 1950, quando o filho do poeta, o padre Luciano Duarte, era o diretor do periódico católico. Cf. DUARTE, José de Góes. Passos, em São Cristóvão. *A Cruzada*. Ano XVI, nº 643. Aracaju, 26 de março de 1950, p. 1. DUARTE, José de Góes. Passos, em São Cristóvão. *Obra Poética*. Aracaju, 1995, p. 276.
- 9 FIGURA 1: Padre Luciano José Cabral Duarte na peregrinação à Chartres em 1955. INSTITUTO DOM LUCIANO DUARTE. Doc. 1135.

O padre não somente palmilhou as estradas dos grandes centros de romarias do velho mundo, como também revelou-se na condição de cronista do seu tempo. Semanalmente, ele enviava textos para serem publicados na sessão “Bilhetes da Europa”. Os aracajuanos acompanhavam a saga do estudante brasileiro na visitação aos mais importantes núcleos urbanos europeus. Além disso, Luciano Duarte, na condição de andarilho, buscou perpetuar sua experiência por meio de uma câmera fotográfica. Seus registros iconográficos constituíram um valioso acervo acerca de seu olhar sobre o mundo, salvaguardado no Instituto Dom Luciano Duarte. Assim como Ulisses de François Hartog, Luciano Duarte foi “o herói que durante muitos anos errou/ vendo muitas cidades, descobrindo muitos costumes”.<sup>10</sup>

De certo modo, a estadia do padre no Velho Mundo tornou-se uma viagem coletiva. A população sergipana paulatinamente descortinava os segredos da Europa, ora por meio dos textos publicados semanalmente na coluna “Crônica da Semana”, do jornal católico “A Cruzada”,<sup>11</sup> ora por meio das afamadas conferências proferidas pelo padre no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no Curso de Vulgarização Cultural. De acordo com Gizelda Morais, “durante três noites, compareceram pessoas de todas as idades, ávidas para ver os *slides* e ouvir as exposições sobre os aspectos históricos, religiosos e estéticos dos lugares, monumentos, edificações ou obras de arte apresentados nas fotos.”<sup>12</sup> Na “Casa de Sergipe”, o velho mundo era apresentado em detalhes, como uma composição sensivelmente tecida entre imagens e palavras.

Na década de 50 do século XX, o padre Luciano Duarte já ocupava cargos de ressonância no clero sergipano. Ele atuou como assistente eclesialístico da Juventude Universitária Católica de Aracaju, capelão da Igreja de São Salvador, professor da Faculdade de Serviço Social e diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI) e do semanário “A Cruzada”. Nos primeiros anos após a ordenação, o jovem padre já era visto como um dos promissores nomes do clero estadual. O êxito intelectual se confirmou nos idos de 1954, quando conseguiu uma bolsa de estudos na Sorbonne, “na qualidade de *étudiant patronné par le Gouvernement Français*”.<sup>13</sup> A partida do Porto do Rio de Janeiro foi assim pelo padre viajante:

Embarquei no Rio, para a França, no dia 1º de setembro de 1954, no navio francês, “Charles Tellier”. O navio zarpou às 21h30 e saiu pela baía iluminada, lentamente, até que aos pou-

10 HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 14.

11 MEDINA, Ana Maria Fonseca. Prefácio. In: DUARTE, Luciano. *Europa: ver e olhar*. 3ª ed. Aracaju: IDLD, 2010, p. 7.

12 MORAIS, Gizelda. *Dom Luciano Cabral Duarte: relato biográfico*. Aracaju: J. Andrade, 2008, p. 122.

13 MORAIS, Gizelda. *Dom Luciano Cabral Duarte: relato biográfico*. Aracaju: J. Andrade, 2008, p. 98.

cos se foi apagando, na escuridão espessa, a visão dos fios de luz, coroando as praias incomparáveis, mergulhadas na noite.<sup>14</sup>

A despedida do Brasil foi descrita como um mergulho no escuro, no mundo desconhecido, nas incertezas do porvir. Luciano Duarte mostrou-se como um homem-memória consciente do afastamento do lugar comum, do “porto seguro”, em busca do conhecimento no além-mar. Em 1955, o padre universitário participou de um evento que marcaria a sua estadia na Europa: a peregrinação dos universitários a Chartres. Essa manifestação devocional havia sido recriada no início do século XX. De acordo com Luciano Duarte, “foi em 1911 que um homem angustiado partiu, a pé, de Paris, para percorrer os 90 quilômetros que o separavam de Chartres, e lá, coberto de poeira e de fadiga, implorar a Nossa Senhora a cura de um filho à morte”.<sup>15</sup> Esse peregrino pioneiro foi Charles Péguy. Esse ato piedoso foi reproduzido, a partir de 1937, pelos universitários de Paris. No período do pós-guerra, a peregrinação tornou-se uma das mais expressivas manifestações do catolicismo francês. O Ulisses sergipano peregrinou entre os dias 14 e 15 de maio de 1955 e descreveu os preparativos:

Cada ano, um assunto é escolhido pelos assistentes eclesiásticos, para servir de tema à peregrinação. Nos anos anteriores, houve assuntos como: Deus, Jesus Cristo, a Missa, O Batismo. Para este ano o tema escolhido foi: a Santidade.

Dois Meses antes da peregrinação, começa a preparação. Cada “branche” dividirá os seus estudantes em grupos de 70: são os chapitres. Cada chapitre conta com cerca de 10 dirigentes, rapazes e moças, os quais se ocuparão de orientar os restantes, subdivididos em grupos de seis ou sete, durante a marcha para Chartres.<sup>16</sup>

A peregrinação à Chartres constituía uma novidade para o jovem padre brasileiro. Ao contrário das práticas recorrentes nas romarias de seu torrão natal, a solenidade francesa era marca pelo seu caráter reflexivo, com uma longa preparação e embates ao longo da caminhada. Tratava-se de uma caminhada religiosa com forte teor pedagógico, na qual prevaleciam os debates acerca das temáticas propostas. Ao longo da caminhada, os cenários bucólicos da França descortinavam diante de seu olhar atento e sensível. Um dos momentos centrais na assertiva do cronista foi a visualização das torres da Catedral de Notre Dame de Chartres:

Quatro horas da tarde. Ainda quinze quilômetros para Chartres. Mas já uma hora que se avistam, no horizonte, as duas

14 DUARTE, Luciano. *Europa: ver e olhar*. 3ª ed. Aracaju: IDLD, 2010, p. 19.

15 DUARTE, Luciano. *Europa: ver e olhar*. 3ª ed. Aracaju: IDLD, 2010, p. 67.

16 DUARTE, Luciano. *Europa: ver e olhar*. 3ª ed. Aracaju: IDLD, 2010, p. 69.

torres, desiguais da caminhada de Péguy, as torres de Nossa Senhora. A torre da alegria e a torre do sofrimento.<sup>17</sup>

Nas palavras do padre peregrino, as torres da grande catedral revelavam os substratos contidos na longa caminhada: alegria e sofrimento. Alegria em poder contemplar um dos mais importantes templos do cristianismo e sentir a força da devoção mariana. Sofrimento em decorrência do sacrifício pelo trajeto extenso.<sup>18</sup>



Além da dualidade de sentimentos por conta da conclusão do trajeto penitencial, Luciano Duarte também mostrou-se entusiasmado com a receptividade da população local em relação aos universitários peregrinos. De acordo com sua ótica, aquele momento simbolizava o encontro entre diferentes gerações, além de representar o fortalecimento dos pilares da tradição.

Na estrada, em linha reta, a coluna dos estudantes se desdobra por centenas e centenas de metros. O cansaço é vencido pelo

17 DUARTE, Luciano. *Europa: ver e olhar*. 3ª ed. Aracaju: IDLD, 2010, p. 71.

18 FIGURA II. Entrada do padre Luciano Duarte em Chartres. INSTITUTO DOM LUCIANO DUARTE. Doc. 1198.

canto, pela aproximação da meta, pela visão das torres. A entrada em Chartres é empolgante. As velhas ruas estão apinhadas de estudantes, cada qual com seu saco de bagagem às costas. Das janelas, velhas avós juntam a vós cansada ao canto forte dos estudantes, que repetem “*Je vous salue, Marie*”, infatigavelmente. (...) Chartres revive as horas gloriosas de seu passado. O canto vibra em sob as arcadas majestosas. O templo e os peregrinos são um só conjunto: é a mesma fé que a pedra reflete e que invade a alma dos jovens cristãos, reunidos diante de Nossa Senhora, na sua casa, para louvar em Maria a mais pura manifestação de Santidade de Deus, refletida numa pessoa humana. Na garganta dos estudantes de Paris vibra o mesmo canto de fé e de amor que, há dez séculos, é a alma de Chartres.<sup>19</sup>

96

A peregrinação à Chartres foi descrita pelo padre Luciano Duarte como uma cerimônia de encontros. Primeiramente entre os universitários de Paris e a população da cidade-santuário, com os olhares cruzados e as vozes que se uniam para louvar a Maria. Segundo, entre o tempo presente, vivenciado pelos jovens estudantes, e o pretérito, do período da construção da grande catedral. De acordo com o cronista, os universitários do seu tempo e os devotos de outrora entoavam o mesmo canto de fé dedicado à Virgem de Chartres. Por fim, o terceiro encontro, inicialmente de âmbito pessoal do padre Luciano, entre a experiência vivida no santuário francês e as memórias devocionais de seu país de origem. Do mesmo modo pelo qual o padre conhecia uma nova realidade, um modelo inovador de se fazer manifestações de fé, ele pensava sobre as possibilidades de fomentar novos espaços devocionais em Sergipe. Ao contemplar a beleza plástica da peregrinação de Chartres, Luciano Duarte repensou o catolicismo da outra margem do Atlântico.

No início de 1958, já usufruindo do título de doutor,<sup>20</sup> o padre Luciano Duarte retornou a Sergipe. Na Diocese de Aracaju, o padre reassumiu o comando das atividades que desempenhava anteriormente, além de novas incumbências. Para a biógrafa Gizelda Morais:

Em 2 de fevereiro, ele reassume a direção e o magistério da Faculdade de Filosofia e o ensino também na Faculdade de Serviço Social. É novamente designado assistente eclesialístico da Juventude Universitária Católica, a sua querida JUC, e da Liga Universitária Católica (LUC), formada por profissionais liberais e pessoas com estudos superiores. Além disso, é designado diretor do Apostolado Radiofônico de Sergipe.<sup>21</sup>

19 DUARTE, Luciano. *Europa: ver e olhar*. 3ª ed. Aracaju: IDLD, 2010, p. 71.

20 Luciano Duarte doutorou-se em Filosofia com a tese «l'Intelligence dans le Thomisme et dans la Philosophie de Hume». A defesa ocorreu no dia 30 de novembro de 1957 e contou com a participação do orientador, Ferdinand Alquié, e dos professores De Gaudillac e Paul Ricouer. Cf. MORAIS, Gizelda. *Dom Luciano Cabral Duarte: relato biográfico*. Aracaju: J. Andrade, 2008, p. 112.

21 MORAIS, Gizelda. *Dom Luciano Cabral Duarte: relato biográfico*. Aracaju: J. Andrade, 2008, p. 118.

O retorno às atividades como liderança católica em Sergipe foi marcada por inovações avassaladoras. De imediato, o religioso empolgou os jovens estudantes das faculdades locais com suas preleções acerca das experiências vivenciadas nos santuários europeus. Aulas, conferências e textos publicados na imprensa da capital, contribuíram para fomentar um grupo de seguidores, entusiastas das inovações pedagógicas, filosóficas e evangelizadoras. Até certo ponto, Luciano Duarte, tornou-se o portador da boa-nova, dos novos fazeres no âmbito do catolicismo. Clara Leite de Rezende, ex-militante da JUC, expõe o fascínio despertado pelo religioso em seu alunado: “sua personalidade forte e cultura muito acima dos parâmetros locais (da Igreja) exerciam sobre mim um misto de fascínio pelo mundo dos conhecimentos que com ele estava a descobrir e apreensão de não corresponder ao ritmo de aprendizado”.<sup>22</sup>

Em maio de 1958, o padre Luciano Duarte deu início a série de reuniões com os membros da JUC para organizar a peregrinação dos universitários. Desejoso de fomentar a criação de um novo espaço devocional nos moldes franceses, o religioso teve como um dos primeiros desafios a escolha do templo a ser alvo da nova manifestação de fé. De acordo com Salvador de Oliveira Ávila:

Após o retorno do Padre Luciano a Aracaju, não só mantivemos as reuniões de rotina do grupo da JUC, mas também tivemos muitos encontros, verdadeiras aulas (...). Liderados pelo Padre Luciano, que vivenciou na França as peregrinações à Catedral de Chartres, uma grande manifestação da fé cristã e uma oportunidade de reflexão e prática religiosa, definiu-se realizar a primeira peregrinação à Igreja da Divina Pastora, após algumas visitas que fizemos, transportados de kombi dirigida pelo Padre Luciano, a capelas e igrejas para escolha do local. Estas visitas foram feitas pelo Padre, com a minha participação e mais as de Carmem, Juarez, Eunice e Geraldo. Escolhido o local, seguiu-se o processo de planejamento da Primeira Peregrinação, que ocorreu no final de 1958.<sup>23</sup>

Percebe-se que a escolha do novo centro de romaria em Sergipe ocorreu a partir de visitas e reflexões. Era necessário que o templo se localizasse relativamente próximo a outra cidade, para tornar viável a caminhada. Além disso, no caso de Divina Pastora, as próprias características topográficas da localidade devem ter contribuído para a escolha, pois prática devocional, pois a cidade está localizada no alto de uma colina e a tanto a igreja quanto a Praça da Matriz apresentavam condições de

22 REZENDE, Clara Leite de. Uma homenagem ao mestre e ao amigo. In: DUARTE, Mons. Luciano. *Concílio do Vaticano II: os novos caminhos da Cristandade*. Aracaju: J. Andrade, 1999, p. 370-371.

23 ÁVILA, Salvador de Oliveira. A JUC em Sergipe: minhas lembranças. In: COSTA, Carmem Machado (et. al.). *Memórias de uma Fraternidade Cristã: a JUC e o padre Luciano Duarte*. Aracaju: EDISE, 2014, p. 144-145.

receber um elevado contingente de devotos.<sup>24</sup> Essa hipótese se torna mais plausível ao considerarmos as memórias do ex-integrante da JUC, Geraldo de Oliveira. Ele creditou a escolha de Divina Pastora pela beleza do templo e ao fato de, “em frente à Igreja, acha-se um amplo largo cercado de casa-rio, com um relvado adequado para receber os peregrinos”.<sup>25</sup>

Após a escolha da igreja a receber os peregrinos, teve início a preparação dos universitários por meio de reuniões. Segundo Maria Giovanni dos Santos Mendonça, “naquele início, havia preparação dos peregrinos - que fomos nós, os estudantes da Faculdades da época - que constava de estudos de um tema com a duração de três meses. O primeiro tema escolhido foi ‘Jesus Cristo é o Filho de Deus’”.<sup>26</sup> Concomitante a esses encontros com os estudantes, o padre Luciano Duarte iniciou uma série de publicações voltadas para explicar o sentido de peregrinar e a presença dessa prática religiosa na tradição cristã. Para o religioso:

É por isto que o cristão peregrina. Peregrinar é por-se em marcha, é lançar pela estrada pela experiência de deixar o que se tem, em busca do que ainda não se tem, mas se espera. O peregrino é assim um homem que põe nos seus passos a inquietação interior de sua alma. Que deixa o morno conforto de sua mediocridade em busca de algo de maior que ainda não lhe pertence. Como aquele que “perde sua vida para encontrá-la” de que fala Jesus Cristo no Evangelho, o peregrino é um despojado na esperança.<sup>27</sup>

Os meses que antecederam a peregrinação dos universitários à Divina Pastora foram marcados pela forte atuação pedagógica do padre Luciano Duarte. O assistente eclesiástico da JUC buscou expressar por meio de exemplos na tradição judaico-cristã o sentido das peregrinações como caminho dos homens ao encontro com Deus. Nas semanas que antecederam ao evento, os estudantes que seriam chefes das equipes e os demais padres que acompanhariam os estudantes também passaram a publicar artigos explicativos acerca da peregrinação. Na véspera da caminhada inaugural “A Cruzada” publicou a seguinte nota:

Sobem amanhã a Divina Pastora, em peregrinação, os universitários de Aracaju. Partindo de Aracaju às 8 hs, os es-

- 24 SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Novos caminhos da fé: a peregrinação da JUC à Divina Pastora em 1958. *Diversidade Religiosa*. Vol. 1, nº 2. João Pessoa, 2014, p. 1-12.
- 25 OLIVEIRA, Geraldo de. Fatos de lembranças da JUC em Aracaju. In: COSTA, Carmem Machado (et. al. ). *Memórias de uma Fraternidade Cristã: a JUC e o padre Luciano Duarte*. Aracaju: EDISE, 2014, p. 101.
- 26 MENDONÇA, Maria Giovanni dos Santos. Impressões sobre a JUC. In: COSTA, Carmem Machado (et. al. ). *Memórias de uma Fraternidade Cristã: a JUC e o padre Luciano Duarte*. Aracaju: EDISE, 2014, p. 154.
- 27 DUARTE, Pe. Luciano José Cabral. Peregrinação dos universitários. Crônica da Semana. *A Cruzada*. Ano XXIII, nº 1053, Aracaju, 9 de agosto de 1958, p. 1.

tudantes descerão em Riachuelo, donde prosseguirão a pé para Divina Pastora. Sua marcha está dividida em duas etapas, cada qual dominada pela preocupação de um tema. Pela manhã, o assunto da troca de idéias e da reflexão será: Jesus Cristo Filho de Deus. À tarde será Jesus Cristo Redentor.<sup>28</sup>

A notícia publicada no impresso da Diocese de Aracaju elucidava o roteiro da peregrinação e revelava se tratar de uma caminhada com propósitos bem distintos do que era recorrente no cenário devocional local. Era uma caminhada de teor filosófico, de embates entre os estudantes das faculdades sergipanas acerca das questões da fé. Essas discussões, além de serem um importante elemento no fortalecimento das convicções católicas dos jovens sergipanos, também se tornava um instrumento valioso no processo de instrução. No entender de Juarez Alves Costa, o assistente eclesial tomou os estudantes “por discípulos” e passou a transmiti-los, “com a acuidade de quem conhecia a fragilidade intelectual dos seus alunos, conhecimentos de Filosofia, de teologia, que além de elevarem nosso nível intelectual, muito influenciaram no crescimento da nossa fé e no fortalecimento dos nossos ideais”.<sup>29</sup>

Por outro lado, o padre Luciano Duarte tentou associar o evento à tradição cristã, mostrando-o como um legado, uma continuidade das manifestações de fé do período medieval e até mesmo da antiguidade judaica.

O que os universitários de Aracaju vão agora fazer, nesta peregrinação que a Juventude Universitária Católica promove a Nossa Senhora Divina Pastora, está na linha do fazem seus irmãos, em várias partes do mundo, mas eles vão entrar numa perspectiva que remonta muito mais longe, que floresce na Idade Média que reponta nas origens judaicas do cristianismo.<sup>30</sup>

É impressionante o esforço do padre Luciano Duarte para dotar a peregrinação dos universitários de um sentido para a população sergipana. Ele busca na experiência histórica do cristianismo os elementos para justificar a necessidade de se criar uma nova prática devocional no estado. Ele inventa a tradição de peregrinar em Sergipe. Como salienta o historiador Eric Hobsbawm, “as vezes, as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas”.<sup>31</sup> De acordo com Geraldo de Oliveira, os últimos preparativos ocorreram na igreja de São Salvador, com uma reunião na qual foram

28 MACHADO, Paulo. Amanhã em Divina Pastora os universitários de Aracaju. *A Cruzada*. Ano XXIII, nº 1055, Aracaju, 23 de agosto de 1958, p. 1.

29 COSTA, Juarez Alves. Dom Luciano. . In: DUARTE, Mons. Luciano. *Concílio do Vaticano II: os novos caminhos da Cristandade*. Aracaju: J. Andrade, 1999, p. 377.

30 DUARTE, Pe. Luciano José Cabral. Peregrinação dos universitários. *Crônica da Semana. A Cruzada*. Ano XXIII, nº 1053, Aracaju, 9 de agosto de 1958, p. 1.

31 HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 14.

realizadas orações, adoração e vigília.<sup>32</sup> No dia 24 de agosto de 1958 ocorreu a primeira peregrinação da JUC à Igreja Matriz de Divina Pastora, uma ação “através do estudo e reflexão”, voltada à “cristianização do estudante e do meio universitário”.<sup>33</sup> De acordo com Geraldo de Oliveira:

Naquele domingo de fim de agosto, o tempo amanheceu bom. Às 7 h da manhã, o ônibus ( acho que eram dois) já se encontrava à frente da escola de Serviço Social. Às sete e meia saímos em direção à Riachuelo. O ambiente era descontraído. Roupas leves, bonés, mantimentos e cada qual com sua reserva de água, como planejado. Ao peito, a insígnia com os dizeres: “Peregrinação Universitária a Divina Pastora.

Peregrinos do Absoluto, em busca do essencial, estávamos todos num momento de alegria, confraternização e entusiasmo.<sup>34</sup>

100

A peregrinação universitária tinha duração de um dia. O trajeto entre Riachuelo e Divina Pastora com a estrada de piçarra transformava-se em espaço de reflexão acerca das questões da fé, com a formação de uma das mais importantes gerações de intelectuais católicos de Sergipe. Muitos dos membros da JUC do final dos anos 50 e do início dos anos 60 do século XX tornaram-se professores das faculdades e, posteriormente, da Universidade Federal de Sergipe. Pode-se afirmar que Luciano Duarte conseguiu

32 OLIVEIRA, Geraldo de. Fiapos de lembranças da JUC em Aracaju. In: COSTA, Carmem Machado (et. al. ). *Memórias de uma Fraternidade Cristã: a JUC e o padre Luciano Duarte*. Aracaju: EDISE, 2014, p. 103.

33 DINIZ, Alexandre Felizola. A JUC que eu vivi. In: COSTA, Carmem Machado (et. al. ). *Memórias de uma Fraternidade Cristã: a JUC e o padre Luciano Duarte*. Aracaju: EDISE, 2014, p. 177.

34 OLIVEIRA, Geraldo de. Fiapos de lembranças da JUC em Aracaju. In: COSTA, Carmem Machado (et. al. ). *Memórias de uma Fraternidade Cristã: a JUC e o padre Luciano Duarte*. Aracaju: EDISE, 2014, p. 103-104.

constituir um grupo de seguidores e assegurou a formação de uma geração de intelectuais atrelados ao catolicismo. Observe a Figura III:<sup>35</sup>



Na primeira edição desse evento participaram cerca de 50 jovens estudantes. Esse fato elucidava o perfil pensado pelo padre Luciano Duarte para a peregrinação, na qual deveriam prevalecer os aspectos de formação intelectual em relação às questões quantitativas. Era a ocasião para apontar questionamentos acerca dos textos debatidos ao longo de três meses. Geraldo Oliveira, ao problematizar se seria possível alguém viver sem acreditar em outra pessoa informa que “lembro-me que esse tipo de questão foi levantada na primeira peregrinação a Divina Pastora”.<sup>36</sup> A universitária Carmelita Pinto Fontes, sob o pseudônimo de Gratia Montal, explicou o método utilizado na promoção dos debates:

Estava dividida em três grupos representados por signos litúrgicos, o primeiro trazendo a frente a cruz, sinal da redenção. Cada grupo era dividido em equipes de cinco pessoas, divisão esta que deu lugar à ordem impressio-

35 FIGURA III: Membros da JUC com o padre Luciano Duarte na primeira peregrinação a Divina Pastora no dia 24 de agosto de 1958. INSTITUTO DOM LUCIANO DUARTE. Doc. 3249. Destaques: padre Luciano Duarte, Salvador, Eli, Geraldo, Maria do Carmo, Esmerinda, Carmem Machado, Maria do Carmo.

36 OLIVEIRA, Geraldo de. Peregrinos na Fé. In: COSTA, Carmem Machado (et. al.). *Memórias de uma Fraternidade Cristã: a JUC e o padre Luciano Duarte*. Aracaju: EDISE, 2014, p. 191.

nante dos peregrinos na estrada: de cinco em cinco eles marchavam pela estrada dos homens para descobrir a estrada de Deus; nada os perturbou, nada os desviou do seu roteiro original.<sup>37</sup>

Essa crônica de Carmelita Pinto Fontes foi um dos primeiros textos publicado após a realização da primeira peregrinação à Divina Pastora e elucida a manutenção da ordem entre os estudantes. A peregrinação era marcada pela preparação, distribuição de folhetos explicativos, reuniões e, definição dos fazeres a cada momento da caminhada. Observe como a cronista descreveu o momento da refeição:

Era quase perto do meio dia, o sol queimava como um símbolo aquelas fronteiras inquietas: “é meio dia. Vejo a igreja aberta. E devo entrar”. Eles também, os neo-peregrinos precisavam entrar, mas não tinham igreja por enquanto; esperava-os um taquaral sombrio formando verdadeiras colunas que sustentavam uma folhagem fechada como a abóbada de um templo; foi ali, naquele templo feito pelas mãos de Deus que os universitários dividiram as suas dúvidas, as suas dificuldades da longa procura do Senhor; foi ali que alimentaram o corpo marcado pelo cansaço dos caminhos; foi ali que repousaram para continuar o louvor a Deus, foi ali que a chuva caiu sobre eles como bênção.<sup>38</sup>

Entre cânticos, debates e conversas, os universitários de Aracaju a cada passo recriavam em terras sergipanas uma tradição vivenciada pelo seu pastor no mundo europeu. Luciano Duarte revelava-se como um homem-fronteira, “ao mesmo tempo dentro e fora, intermediário, barqueiro, tradutor”.<sup>39</sup> Era o artista que usava das cores nativas para recriar em seu mundo as vivências experimentadas no além-mar. A estrada de Divina

37 MONTAL, Gratia. Subimos a Divina Pastora. *A Cruzada*. Ano XXIII, nº 1056. Aracaju, 30 de agosto de 1958, p. 1.

38 MONTAL, Gratia. Subimos a Divina Pastora. *A Cruzada*. Ano XXIII, nº 1056. Aracaju, 30 de agosto de 1958, p. 1.

39 HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 14.

Pastora era a tradução de Chartres. Observe o registro fotográfico do almoço dos peregrinos em 1958.<sup>40</sup>



O segundo momento da caminhada foi marcado pela expectativa de encontro com a Igreja Matriz Nossa Senhora Divina Pastora, um dos monumentos mais significativos da arquitetura religiosa em Sergipe. Os peregrinos retomaram a estrada as três e meia e paulatinamente iam descortinar no horizonte os campanários do templo, assim como o padre Luciano tinha contemplado as torres desiguais de Chartres. Para Geraldo de Oliveira, “finalmente, avistávamos a cidade e as torres do Santuário Nossa Senhora, Divina Pastora”.<sup>41</sup> Carmelita Pinto Fontes, no calor dos acontecimentos, registrou a emoção do encontro com o antigo templo:

A tarde já começava a mudar de cor do seu véu anunciando a chegada dos peregrinos. E agora um templo de verdade os

40 FIGURA IV: Membros da JUC no almoço na peregrinação a Divina Pastora do dia 24 de agosto de 1958. INSTITUTO DOM LUCIANO DUARTE. Doc. 3336.

41 OLIVEIRA, Geraldo de. Peregrinos na Fé. In: COSTA, Carmem Machado (et. al.). *Memórias de uma Fraternidade Cristã: a JUC e o padre Luciano Duarte*. Aracaju: EDISE, 2014, p. 191.

esperava, a casa da mãe de Deus. E aí no templo eles entraram para COMER no altar Aquele de quem falavam pelos caminhos. A peregrinação foi esta soma de dedicação, de sacrifícios de todos e de cada um até dos que não puderam ir. Os peregrinos lá estavam de joelhos falando com Deus, cantando em torno do seu Pastor; foram não só para pedir e oferecer, mas para VER. Ver a Divina Pastora, a Mãe de Deus.<sup>42</sup>

Na celebração da Eucaristia, com a presença do dispo diocesano, emergia um novo espaço devocional em terras sergipanas, com o reconhecimento da cúpula eclesiástica local e sob os cânones da Igreja reformada. Luciano Duarte dotava a pequena cidade de Divina Pastora de uma celebração que ao longos dos anos transformaria a própria realidade social do lugarejo. A cidade transmutou-se na terra das peregrinações. Ainda nessa celebração, o bispo Dom José Távora elevou a Igreja Matriz Nossa senhora Divina Pastora a condição de santuário diocesano, fato que sinalizava para o propósito do padre Luciano em celebrar peregrinações com outros segmentos da sociedade sergipana, como estudantes secundaristas, comerciários, congregações religiosas e, finalmente, a própria peregrinação arquidiocesana efetivada nos idos de 1971.

Na condição de santuário diocesano, a Matriz de Divina Pastora passou a receber inúmeras peregrinações ao longo do ano, quase sempre gestadas e organizadas pelo padre Luciano Duarte. O religioso formado em terras francesas, tornou-se o Péguy de Sergipe, o aventureiro que rompeu barreiras e abriu os caminhos que dariam origem a uma das mais expressivas manifestações de fé da população católica sergipana. Os cinquenta primeiros universitários que inauguraram a estrada de penitência

42 MONTAL, Gratia. Subimos a Divina Pastora. *A Cruzada*. Ano XXIII, nº 1056. Aracaju, 30 de agosto de 1958, p. 1.

multiplicaram-se.<sup>43</sup> No ano seguinte já eram cerca de duzentos. As caminhadas diversificaram-se e atualmente a semente plantada pelo padre Luciano Duarte reúne cerca de 150 mil peregrinos.



O padre Luciano não só viu e olhou, mas como homem-memória, formou toda uma geração de intelectuais, compartilhou experiências, dirigiu o olhar da juventude. Sob a batuta do padre Luciano, a sociedade sergipana pode ver e sentir o peregrinar. Parte das experiências culturais da outra margem do Atlântico, se fez presente na pequena Divina Pastora, primeiramente com os estudantes das faculdades, seguidos por estudantes secundaristas, comerciantes e, posteriormente, a partir dos anos 70, com toda a Arquidiocese de Aracaju.

43 FIGURA V: Peregrinação de 1958. INSTITUTO DOM LUCIANO DUARTE. Doc. 3251.